

## Mu

Caminhavam havia muitos dias quando encontraram os javalis. O Homem foi o primeiro a ouvir o estalar dos queixos e a interromper a marcha, embora não a tempo de deter os outros, então os que vêm atrás trombam nos que vêm à frente, arrancando-lhes as botas num pisar conjunto de calcanhares, ao que se seguem insultos, empurrões indistintamente distribuídos entre homens e mulheres, velhos e jovens, doentes e sãos, não poupam nem mesmo as crianças, porque estão todos já muito cansados. No céu pálido, os galhos das árvores apontando para o alto lembram mãos escuras, queimadas. Não há um só broto, um só ramo, uma folha verde nesse bosque, apenas montes e mais montes de matéria morta que cobrem o chão. Como os parentes não param de se estranhar e muito menos acatam seu pedido de silêncio, o Homem engole um maço nervoso de saliva. Olha para os javalis adiante, para as manchas negras que reluzem na pelagem parda, ouvindo o trovejar dos seus muitos dentes, dos seus marfins, enquanto a Mulher sacoleja dois brigões pela gola, aquietando geral. Na mudez que se segue, finalmente se embasacam com os

animais que não haviam visto e que fuçam a serrapilheira como se não houvesse mais ninguém ali.

Os parentes se entreolham, estremunhados, maltrapilhos. Calculando, o Homem passa os dedos pela pedra do machado. Não precisariam de muito, dois desses javalis mais parrudos atenderiam às necessidades mais imediatas, fornecendo carne e gordura, provendo ossos e couro, sangue morno e fresco, porém, uma coisa é estarem em um grupo de caçadores, outra é serem surpreendidos assim, em trânsito com toda a gente: os bichos se voltariam contra eles e facilmente inverteriam a ordem da caçada. Corre os olhos pelos seus, pelo clã que já foi tão maior e que agora se reduz a esses trapos. Vê dois bebês sondarem os seios vazios de suas mães, que, além de os carregarem, oferecem mãos a crianças cujos dentes nem terminaram de despontar, uns miúdos cabeçudos, magriços, e vê os empesteados com seus cílios remelentos, com suas feridas nos lábios, encarnados de febre, todo mundo murcho a ponto de parecer desossado. Pergunta-se quem as feras pegariam primeiro e a ideia de caçar agora soa absurda. Lá adiante, os javalis continuam a arrastar os focinhos nas folhas. Há filhotes no grupo deles também, de tamanhos variados, oliváceos, roliços. Assim como os adultos, eles procuram nozes, roedores, coisas que, em uma floresta morta, restam assim, escondidas nas pilhas aos pés das árvores. E os javalis devem se sentir tão superiores diante do clã que não fogem nem perseguem, apenas ignoram, e continuam a fuçar. Os neandertais esperaram muito por uma oportunidade como essa, mas os riscos, o preço é alto demais. Sossegando a arma, o Homem procura a Mulher. Pela folga em seu rosto, entende que ela também prefere não caçar agora. A Velha não precisa de mais que essa troca de olhares entre eles para tomar a iniciativa de apontar o caminho por onde os parentes devem seguir. Desconfiados, de olho nos javalis, eles obedecem e passam erguendo os miúdos

nos ombros. Uns quantos trotam, se apressam, apertam o passo, só o Velho não parece preocupado com nada. Amparado por um dos rapazes, sorri de leve as suas banguelas, sem olhar para lugar nenhum. Viveu demais, viu demais. Desinteressou-se pelas coisas do mundo, agora vive para os próprios pensamentos, para as próprias imaginações, solto dentro de si.

Homem e Mulher tocam os retardatários, mas meia dúzia de valentes não se demove. Uma caçadora rosna, girando o taca-pe cheio de rachaduras, outro aponta com o queixo para os bichos, um terceiro cospe e deixa escorrer pela barba um fiapo de saliva. Empertigam-se com suas armas, questionam. Então perderão a oportunidade de caçar quando finalmente encontraram caça? É esta a decisão dos guias? E não são necessárias palavras para esse enfrentamento — os sobrecechos crispados, os ombros duros e as bocas rijas dizem o suficiente. Não é que o Homem não entenda o sentimento, a indignação que os atíça, são seus companheiros, suas irmãs, seus irmãos, conhece cada um deles, mas não pode concordar, não dessa vez. A Mulher e a Velha insistem, tocando a manada aos safanões, mas os que querem caçar permanecem onde estão. O Homem coça a testa, segura o impulso de um bocejo, envergonhado por sentir sono em uma ocasião tão séria, e os olhos marejam. Diluídos nas lágrimas, os rebeldes o encaram à espera de uma decisão melhor, encaram a Mulher também, mas que decisão seria melhor que a de resguardar os debilitados, poupar as mães e as crianças, considerar a totalidade deles? Afinal querem carne para alimentar quem? Os mortos? É quando vem de trás o pequeno, com o sobrececho cerzido, brandindo seu machado.

**sa,**

Há jovens que o admiram pela valentia, crianças que o temem e se encolhem cada vez que ele passa, caçadores que o consideram muito, então, quando o pequeno se coloca, eles param e atentam. Com uma mandíbula que parece ter pertencido antes a outra pessoa, de tão protuberante, ele incha o peito diante do guia. Não é o mais forte dos homens, inclusive pela pouca estatura, mas sempre espuma, estica os braços, parece maior. Tanto que, nas caçadas, costuma ser bestial, capaz de matar a dentadas e pedradas uma hiena, como aconteceu e o Homem mesmo testemunhou, sem falar no ânimo que tem para bichos grandes, pois, antes de o gelo dominar os prados e as manadas desaparecerem, era quase sempre o pequeno quem se metia entre as pernas dos cavalos, em geral enlouquecidos pelos ferimentos que lhes rabiscavam o couro, e, sozinho, segurava o chulo que os atingia no peito, direto no coração. E os animais tombavam pelo golpe de um único caçador. Mas o Homem não é um cavalo e torce uma careta, também porque os couros que cobrem o pequeno, que lhe é quase um palmo mais baixo, fedem demais. Enfurecido, o outro golpeia a própria barriga, insiste apontando para os bichos. Por que deveriam continuar esfomeados quando há comida logo ali? Os javalis estão tão próximos que poderiam colhê-los como se fossem frutas. Por que fugir à sorte? Mais afastada, a Velha ouve aqueles gestos sem mover uma ruga. O Homem se sente desconfortável, olha para a Mulher, que tampouco reage. Os companheiros empacados começam a ulular baixinho, u-u-u-u: os javalis param de fuçar e os encaram, acendendo miríades de olhinhos.

O Homem sabe que pode estar enganado, que se abster de uma caçada agora talvez seja uma precaução descabida, que pode não haver outra oportunidade como esta, não a tempo

de se salvarem, no entanto, como poderia suportar que outros morressem diante de seus olhos? E aguentaria o peso de mais mortos? As sombras pesadas da ausência deles? As aparições deles no Sonho? Abanando, pede que desçam as armas, que não desafiem esses combatentes — embora os javalis pareçam mansos, não o são, e se não fizeram nada até agora é porque estão seguros de si. Duas ou três armas se abaixam, mas as outras continuam em riste. O pequeno ri, arreganhando os dentes vitoriosos. Pelo deboche, o Homem aperta a boca, se retessa. Fica tão irritado que começa a forçar para baixo as armas insistentes, depois se adianta exigindo a debandada, cheio de uma autoridade que intimida os companheiros, pois ele não costuma ser assim. Atrás da Velha, o restante dos parentes retoma a marcha, arrastando os pés em meio às folhas mortas. A contragosto, os revoltosos desistem de suas indisciplinas, e se encaminham para se juntar a eles.

## mi

O pequeno não acompanha. Em vez disso, ignora o Homem e sua pretensa autoridade, ignora a Mulher, a Velha, as mães, as crianças, os doentes e corre sozinho para dois filhotes que pastejam a alguma distância do bando. Alveja o primeiro com o machado, nas costas, e tenta acertar o segundo com uma pedra que carregava dentro das vestes, porém erra e esse filhote escapa. Ambos os animais guincham, sobretudo o que acaba de ser ferido e se estrebucha, e a manada dos javalis gira para os neandertais como um redemoinho de folhas. Estalando seus marfins, disparam todos juntos. Árvore! A Mulher grita e muitos come-

çam a subir como podem nos galhos desfolhados, pisando nos ombros e nas cabeças uns dos outros, ajudando-se, mas também atrapalhando-se. Os caçadores não, eles permanecem no chão, tanto homens quanto mulheres, de frente para os javalis que avançam dorso a dorso, queixo a queixo, suando e galopando sobre as pernas curtas. Como está mais próximo, derrubam primeiro o pequeno, que se levanta depressa e golpeia um animal na boca, usando o mesmo machado com que acertou o filhote, mas não percebe outro que vem por trás e leva uma estocada na perna. O marfim do javali se prende à carne e, ao sair, abre a panturrilha e ele cai de novo. Ainda consegue esmurrar o focinho do animal e correr aos solavancos até a forquilha mais próxima, por onde sobe babando e sangrando muito. O Homem olha para o alto das copas secas, vê as faces desbotadas dos parentes que se penduram nos troncos, até nos mais frágeis. Nesse átimo, confirma que a Velha está segura, ela é ágil como um esquilo, e isso o tranquiliza por um instante, mas se contrai assim que desce os olhos para as corcovas escuras que investem contra eles. Rasgando o ar, cada qual com suas armas, as duas espécies se golpeiam a esmo. Os caçadores suportam o quanto podem, partem queixos e testas, caem, se levantam, são feridos, empurrados, obnubilados nesse tufão. Com as mãos sujas de sangue, e o Homem não sabe se esse sangue é dela ou de um javali, a Mulher arqueja, acena para ele e sobe atabalhoada a uma árvore. E logo outros largam seus machados, chuços e porretes e se põem a escalar os troncos até os galhos mais altos, que estão superlotados, vergados, muitos a ponto de partir.

Apenas o fazedor de pedras continua de pé com o Homem. Juntos, acertam na cabeça uma fêmea roliça, que cai estremeendo as patas. Mas é impossível vencer essa quizila, os javalis são muitos mais e não desistem, então os dois correm para cima

de uma árvore magriça, onde já se penduram outros companheiros. Os bichos cabeceiam o tronco, loucos. Estão convulsos, guincham, metendo os dentes em todas as coisas. Difícil entender o que está acontecendo quando se está no meio deles, mas, de cima da árvore, o Homem vê a mão erguida que sobressai à poça de lama. É o Velho, a mão do Velho. Caído, é violentamente perfurado pelos javalis, que lhe cravam os punhais das presas nas costelas. Alguém grita, sugere socorro, no entanto, o que poderiam fazer agora que foi assim varado? Dói ver aquela mão, apertada como se os golpes fossem também em si e o Homem pende a cabeça para baixo, para olhar os pés que se apoiam no galho. Só agora vê que perdeu uma das botas, nem sentiu. O vento range as madeiras da floresta desverdeada, os estertores apascentam, o braço do Velho despenca no chão, entre o esterco e a baba dos animais. O Homem fecha os olhos, bolas brancas explodem no avesso das pálpebras. Alguém chora, ele não sabe quem; prefere ouvir o ser que fala grosso em seu peito, tum-tum, tum-tum, tum-tum. Esse animal continua vivo. Quando abre os olhos novamente, repara em como os seus se distribuem horríveis nos galhos, ranhosos, magros, adoecidos, mais desgraçados do que jamais estiveram. O pequeno, rosto lívido, semi-inconsciente, sangra aos borbotões. Os outros não estão feridos, não gravemente. A Mulher ganhou um corte na mão, mas é coisa pouca. Lá embaixo, além do filhote que o pequeno acertou, quatro javalis agonizam — assim que os outros desistirem da patrulha e os deixarem para trás, o clã poderá descer e fazer retalhos deles. Enfim, o pequeno não estava de todo errado, é preciso admitir. Essa comida irá salvá-los, pelo menos por enquanto. Um quarto minguante flutua no céu, mas o Homem, que costumava admirar as luas que aparecem à luz do dia, desvia o rosto. Pensa no Velho menos velho, quase jovem, quando somente as cãs denunciavam alguma idade, e se lembra de como

ele ensinava a criança a trançar cordas de tripa. Para trançar uma corda, é preciso trabalhar de dois em dois, então o Velho ensinou uma brincadeira que consiste em prender o dedo do outro no arremate. Isso, esse truque, não ensinou para todo mundo, se todos soubessem, ninguém cairia, mas só para ele e para o fazedor. O Homem nunca se esqueceu da brincadeira, que repetiu muitíssimas vezes, até crescer e deixar de brincar, porque há coisas que, por mais que nos tenham feito felizes, desaparecem conforme crescemos, que perdem sentido. Nunca mais amarrou dedos. Fecha os olhos outra vez, ouvindo o coração e os javalis, que estalam os queixos cada vez mais longe.

## h

Os sãoos levam embrulhos, armas, feixes de lenha, vão carregados de tralhas. Já os doentes se curvam de mãos vazias sob a corcova das peles extras que carregam às costas, qual animais lanosos e muito lentos que atrasam a manada. Desorientados, porque nunca estiveram por essas paragens nem conheceram lugar tão duro, o Homem e a Mulher guiam à procura de sinais, de rastros na planície poeirenta, porém não veem nada além de pedras e desses arbustos pelados que despontam sem flores e sem frutos, horripilantes, até o horizonte. Por enquanto, ainda levam um bocado de carne seca e ossos, resultado do encontro

com os javalis, e ainda têm uma aguinha salobra nos odres, mas, se tudo acabar antes do fim da travessia, terminarão exatamente como esses arbustos, mortos. Mesmo que em passos curtos, precisam continuar, e continuam para o sul.

Passando os pés na terra, o pequeno vem arrastado por dois. Com os braços sobre os ombros dos companheiros e a cabeça tombada para a frente, um fio comprido de saliva lhe escorre da boca e vai largando um rastro na poeira. Balbucia, mas nada que diz faz sentido. Olhando para ele, o Homem se enoja, remexido por um asco não só da baba, senão do pequeno inteiro. Sem deter a marcha, espia a batata do infeliz e reavalia o estrago. Quando o javali cravou o dente, puxou de vez e abriu a carne em camadas de tecidos agora tumefatos, amarelentos, uma ferida malcheirosa que só piora e retarda o clã inteiro. O Homem, que insiste que precisam chegar depressa a qualquer parte, que precisam encontrar abrigo, em fuga desse inverno que congelou os prados e fez desaparecerem os cavalos, desse gelo que matou as plantas e os bichos e se desenrola em seus calcanhares, o Homem se indigna com o atraso. Não é que não se compadeça dos feridos, ele também já se machucou, também já precisou ser carregado, mas quem quis caçar os javalis foi o pequeno, não foi? Cospe no chão, aperta o passo. Sem perceber, assume a dianteira sozinho.

A floresta ficou para trás há dias, com o que sobrou do Velho e seus pertences enterrados, que não o deixariam ali às moscas, para que se revoltasse e os azarasse depois. No céu de agora, um sol leitoso desce em direção à terra, enquanto memórias correm dentro do Homem, fervilhando: são cenas do Velho, da mão do Velho, e recordações da infância, lampejos. Pensa no pequeno, em como já brigavam desde sempre, meninos de nada. E se lembra da vez em que o pequeno o empurrou no rio caudaloso e ele quase morreu e, pela força dessas imagens turvas,

suas mandíbulas trincam. Caminha ainda mais depressa, tão depressa que não percebe a distância que abre, só se vira quando a Mulher chama. Lá atrás, os parentes esperam a Velha, que examina os doentes. Meio dobrada, ela deita a mão sobre testas, verifica olhos inflamados, manchas, até que sonda a perna dilacerada do pequeno e negaceia com a cabeça. Sem negociar, a Mulher ergue o braço, diz uma palavra que significa — é hora de parar por hoje. O Homem resmunga, não gosta nada da decisão, deveriam caminhar pelo menos até anoitecer, mas não se manifesta em contrário, até porque muitos parecem satisfeitos com a pausa, inclusive o fazedor, que se alivia das pedras que carregava e vai logo arrancando as botas que lhe mastigam os calcanhares.

Por escolha da Velha, estacam ao sopé de um platô onde uma grama cresce esparsa e amarelenta, como se já nascesse palha. Os parentes, especialmente as mães, começam a organizar o pernoite. Distribuem pelo chão as peles rotas, em meio às quais destinam um espaço para a fogueira, com uma ala especial para os doentes, que deverão se deitar mais perto do calor, pois o Fogo é medicina. Nisso, as cozinheiras se ajeitam do outro lado e já começaram a cavar os buracos que lhes servirão de panelas. Depois que ajuda a acomodar o pequeno, a Velha se encurva para procurar algo que sirva para preparar suas macerações, entre as raras ervas que crescem nos vãos, mas não encontra muita coisa, além de quase não conhecer as plantas daqui, então puxa três raminhos mais ou menos familiares, cuidando de sacudir a terra das raízes, uma terra que é quase areia, e começa a fazer o remédio possível. O unguento é preparado entre as palmas, uma mistura de folhas e saliva, e emplastado sobre tersóis e outras inflamações. O que sobra, ela enfia na boca do pequeno, que faz umas caretas, e o Homem não sabe se pelas dores ou pelo gosto do remédio. Segurando um odre, a Velha

verte um fiapo de água nos lábios dele. A língua anfíbia aponta para fora, se refresca e desaparece. No que o pequeno se vira de lado, a Velha aproveita para se acocorar e examinar melhor a perna. Com as pontas das unhas, pinça da ferida uma larva, delicadíssima e branca, mas que é tão voraz quanto um lobo, e a esmaga entre os dedos. Depois puxa outra e mais outra. O Homem já viu infecções assim, sabe que, quando uma ferida re-benta de larvas desse jeito, não há o que fazer. E ainda que não suporte mais a morte com seus mortos, infinitos, misteriosos, por mais que doa o desfecho sempre radical da vida, nesse caso, preferiria mesmo que os vermes concluíssem o que começaram, mas justamente com o pequeno a Velha é mais diligente. Ela se empenha, puxa todas as larvas que consegue. E se deita perto dele, com os braços cruzados. Branco como a barriga de um peixe, o pequeno bate o queixo.

Não escureceu ainda. Com o machado na mão, o Homem sobe os degraus do platô até o lugar mais alto, de onde observa a planície a partir da escharpa. Sentado no chão, tateia e pega umas pedras argilosas. Espatifa duas na palma, mas a outra não cede à sua força e é arremessada longe. Então ele se deita e cruza as pernas, entrelaçando os dedos à nuca. O sol já encostou na terra, os morros se encheram de sombras espichadas. No sopé, as crianças correm e brincam, mais interessadas nas distrações que nas providências que precisam ser tomadas, como se, habitando o mesmo mundo, vivessem noutro à parte, um que é só delas, imune à destruição da vida dos adultos. Ele não consegue evitar a lembrança do Velho ensinando a fazer cordas de tripas. De costas para os parentes, lá embaixo, a Mulher se despe inteira e se ajoelha no pó. Daqui o Homem pode ver que ela, assim nua, risca as pederneiras sobre as palhinhas e acende o embrião do Fogo, embora não devesse presenciar esse serviço, ninguém deve, principalmente os homens, mas ele já

viu muitas vezes. Ela mostrou, a Mulher aceitou o desafio e revelou como as guardiãs fazem com as pederneiras, isso no tempo em que a vida era mais excitante e eles eram mais jovens, só que ninguém sabe. Então não é verdade que ficam cegos quando veem as primeiras chamas nascerem e espocarem, ainda que seja no que todos acreditam. Exceto uma das cozinheiras, que também é autorizada, os do clã permanecem todos de olhos fechados agora. Quando um ramo de fumaça sobe desse ninho de palha que a Mulher preparou, ela ulula e os adultos erguem os braços para o céu, ululando também, algumas crianças imitam, mais pela algazarra que pela fé, só escapam do louvor os muito fracos, esses que mal conseguem gemer, como o pequeno. Sozinho na escharpa, sem ser notado, assistindo àquilo, o Homem permanece com os dedos entrelaçados à nuca, desobediente, descrente dos castigos que já provocou e nunca chegaram, em dúvida, desafiando em silêncio as promessas daquele rito.

## i\_

Antes do nascer do sol, contornam o platô e retomam a marcha. Caminham por mais dois dias: os doentes mais verdes que pálidos, o pequeno mais morto que vivo e a fome agora maior que o cansaço. Como resta pouca comida, quase que apenas ossos, tomam nada além de um caldo insosso à noite e, de tanto que não comem, já nem percebem a fome esvaziá-los. A paisagem mudou, aqui há mais verde e mais umidade, musgos nas pedras, mas comida que é bom ainda nada. Na manhã do terceiro dia, os que arrastam o pequeno se queixam, querem descansar mais um tanto, porém o Homem aponta para a frente com o machado.

Dessa vez, não permitirá que bocejos, tropeços ou reclamações atrapalhem a viagem, não podem parar, sob pena de que um mal ainda mais severo os abata. Nem olha para a Velha, com receio de que ela defenda a cultivação dos entrevados, nem para a Mulher, que é muito decidida, mas nem sempre pondera bem, tampouco olha para trás, para os parentes desmanchados em secreções, só marcha em frente, atento ao que o vento levanta das pedras. Os arbustos crescem, se tornam mais altos, mais abundantes, e ele vê surgirem pequenas flores, vespas, moscas que chispam no ar. À tarde, depois do sol a pino, o Homem sente um cheiro meloso e amadeirado, levemente azedo, que também parece impressionar os demais. Descem todos juntos uma ravina, onde encontram um campo de mirtilos. Excitadas, as crianças correm, enchem as mãos e as bochechas, e vão se pintando de roxo. As mães chegam em seguida, sucedidas pelos doentes que, reavivados pela possibilidade de um alimento doce, recobram um tantinho das forças. O Homem come pouco, apenas umas bolotinhas, esfrega as mãos nas vestes e espera, ansioso pela conclusão daquele festim. A Velha é a única que não come nada — o que ela colhe mistura com tutano, a fim de alimentar o pequeno, a quem largaram no chão como a um saco. Ele ainda abre a boca, mas já não os olhos. Depois que se satisfazem, os parentes colhem o restante dos frutos, com os quais enchem alforjes, e celebram trocando tapas nas costas. Preocupado com a pouquíssima água que restou, o Homem retoma a marcha — está longe quando a Mulher e os outros se põem a caminho.

Ao entardecer, uma luz turva esmaece a terra, misturando as sombras e confundindo a visão, então ele duvida por um tempo, mas realmente uma cúpula verde desponta mais abaixo. São copas de árvores não muito altas, que crescem em um vão, espremidas no que talvez seja um vale. Assim que veem, os ca-

çadores vocalizam e farejam o vento. Os demais arregalam os olhos, hipnotizados pelo domo verdejante, onde o ar balança os galhos mais altos. Incontido, o Homem dispara. Como o machado e as coisas pesam, deixa que caiam na terra. Corre tanto quanto suas pernas aguentam, gosta de correr, e acelera até sentir que o peito o puxa para adiante, como num voo. Fazia tempo que não corria assim e sente algo bom, um ânimo antigo que o trespassa inteiro. Quando se abeira do declive que leva ao que, conforme suspeitava, é a garganta de um vale estreito, o Homem para. Pedrinhas deslizam, respingam na vegetação abaixo, umas folhas imensas e lustrosas. Ele vê que as árvores estão costuradas umas às outras por uma gambiarra de cipós e de plantas que, sendo mais delgadas, sobem pelos troncos até o dossel, de onde se derramam em volutas até tocarem o chão novamente. Ouvem-se pássaros, sapos, grilos, pequenos bichos conversando, então a Mulher surge ao lado. Ela segura o tacape em uma das mãos e seca a nascente da testa com a outra. Se apuram os ouvidos, ambos escutam a água que corre no fundo do vale, ainda que não vejam. Ela gargalha, puxa o Homem para junto de si, sacudindo-o com brutalidade. Os dois se viram e acenam para os parentes, que acenam de volta, enquanto os caçadores, mais adiantados, se aproximam a trote.

## C

Recuperado o machado, o Homem é o primeiro a escorregar pelo barranco e alcançar o fundo, onde ergue a cabeça e vê os que ficaram na beirada, sujos, flácidos. A única fibra ali, entre eles, é a cabeleira brilhante da Velha. São poucos os que bran-

queiam os cabelos, são raros. E, na tela branca daquela cabeça, ele vê a batalha com os javalis se desenrolar outra vez. A subida desabalada nas árvores, a mão erguida, os estertores do Velho, ainda piores do que os que ouviu de verdade, e tudo isso vai se repetindo dentro dele, e ele não pisca. O Velho logrou viver tanto, sobreviver a tantas dificuldades, a tantas violências, a tanta marcha, para morrer como um idiota. Não acompanhava mais nada, nem deve ter entendido o que aconteceu. E ninguém se lembrou dele, ninguém se lembrou de que estava ali, o Homem não se lembrou. Foi cada um por si. Então ele finalmente pisca e reenxerga os parentes lá no alto, mudos, com as caras pregadas de ranho e fuligem, suscetíveis, como o Velho estava, e só desperta dessas ruminações porque a Mulher vem em seguida, escorregando pelo barranco com seu tacape, e cai aos tropeços entre as aráceas. Diferentemente do companheiro, ela não olha para quem ficou e já arrisca os primeiros passos na direção da mata, por entre fileiras de samambaias e cavalinhas. O Homem, vindo logo atrás, se admira com a tessitura das copas que nunca entrecruzam demasiadamente os galhos, que nunca se atravessam, mas que se erguem juntas em uma cúpula. Por todo lado, pássaros se agitam, assustados com a presença dos forasteiros, e somem em meio às ramagens. Nos troncos, tanto para cima quanto para baixo, correm batalhões de insetos, barbeiros, centopeias, formigas. E tudo é verde em muitos trechos, porque o musgo embala os troncos, cobre as pedras, se estende aos pés dos cogumelos e no próprio chão, onde cintila um tapete cor de esmeralda, uma cobertura delicada que as botas deles arrancam aos torrões, revelando a terra embaraçada de raízes. E prosseguem. Farejam o som da água, até que encontram uma estreita correnteza prateando a penumbra. Sem que nada seja dito, largam as armas e caem de joelhos. Primeiro cheiram a sanga, com os focinhos cismados, e veem a si mes-

mos refletidos. O Homem estranha o rosto mais fundo, a pele mais castigada, mais rugosa, mais triste, mudanças cuja evolução não acompanhou e que agora surgem tão patentes, então enche as mãos e desmancha aquela imagem. Degusta com a ponta da língua — a água não está suja nem estagnada, nem salobra, nem sulfurosa — e bebe mais. A Mulher o acompanha. Sedentas, as quatro mãos entram e saem várias vezes da sanga.

## **au**

Lá em cima, oferecem o odre primeiro à Velha e esta, ao pequeno. Depois os doentes aplacam suas sedes, abrindo as bocas e as febres para os cantis. Não é fácil subir o barranco, mas os jovens gostam do esforço e atendem, de boa vontade, àqueles mais frágeis cuja prudência recomenda que não desçam ainda. Reidratadas, as mães cuidam de enfiar os peitos nas bocas dos seus bebês, ao passo que os mais crescidinhos brincam de escorregar, descendo ruidosamente pelo mesmo declive que os adultos. Por fazerem muita algazarra, alguém zanga, manda que façam silêncio, o que os acalma por um instante, mas logo eles estão rindo e caindo sobre as folhas largas que despontam no fundo do vale. Aos poucos, como se ninguém percebesse, embora percebam, só ignoram, aos poucos, eles também seguem o rumor das águas e desaparecem na mata umbrosa. Encontram os caçadores na sanga. Descobrem que a margem mais estreita mede a distância de um salto e se divertem com isso, pulando de cá para lá e de lá para cá. Entre os adultos, muitos aproveitam para refrescar cabeças, nucas, axilas. As peles que vestem se molham, esgarçam-se costuras, formam-se poças ao redor. Com as vestes erguidas à